

Os caminhos na floresta de vidro

LUIZ CARLOS DE OLIVEIRA CECILIO

Era um plano muito ambicioso, de elaboração muito complexa. Um projeto que o absorvia totalmente, uma vida inteira de dedicação. Pretendia nada mais, nada menos que inaugurar um novo conhecimento da Natureza e de suas leis. Algo que revolucionasse tudo o que se sabia até então. Uma nova maneira de pensar o mundo. Uma segunda revolução copernicana. Um plano solitário que ele conduzia perseverante, isolado por anos na grandiosa floresta de árvores de vidro. Escolhera a floresta por conta da visibilidade e clareza que ela permitia de todas as coisas, o tempo todo. Ele precisava de luz e visibilidade, queria afastar-se das trevas. Buscava e esperava pacientemente algum sinal que surgiria na floresta que se estendia esplêndida por vales e montes.

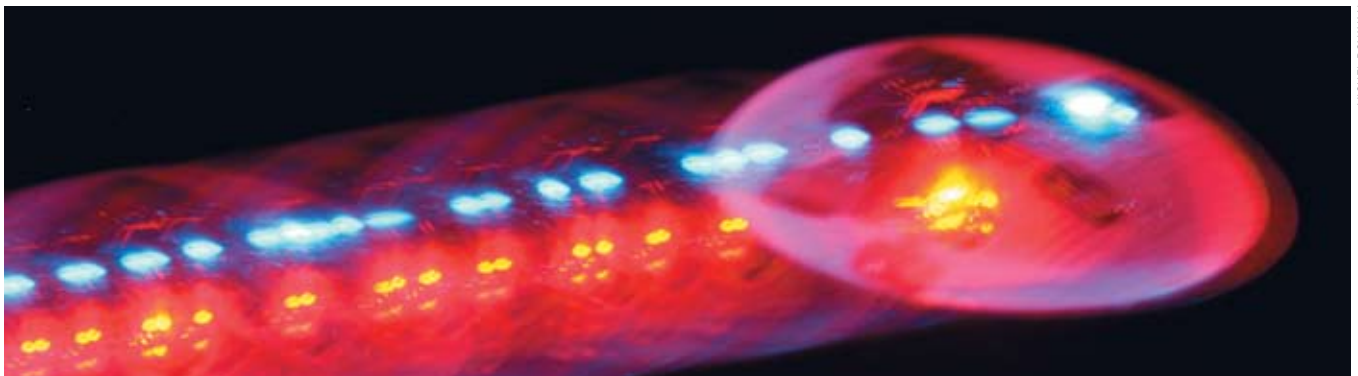
Um dia, deparou-se com uma ampla clareira que nunca havia notado antes. Dela partiam dois caminhos que se diferenciavam com vigor e nitidez. A ideia de que essa forquilha pudesse ser o sinal esperado golpeou com um punho de aço o seu peito desprevenido. Afinal uma pista de boa qualidade, pensava com o coração descompassado de excitação. Do lugar em que estava podia vislumbrar os caminhos se desenvolvendo até razoavelmente bem longe e ter uma primeira ideia de como eram. O da direita era pavimentado por peças de concreto com o formato de números, ora arábicos, ora romanos, perfeitamente encaixadas umas nas outras. A disposição das peças não era fortuita e resultava em mosaicos que eram a evidente expressão de fórmulas e equações que ele bem conhecia. As paredes eram forradas por placas de material polido e brilhante, nas quais se viam também gravadas complexas fórmulas e equações e algoritmos e derivadas e placas de sinalização de todos os tipos. O caminho era estruturado por arcos que iam se articulando entre si como imensas vértebras que se encaixavam perfeitamente, até comporem um túnel que perfurava preciso a floresta de vidro, e aparentava a solidez de uma catedral, embora recendesse a náusea das cores neutras de um corredor de hospital. Sentiu-se desassossegado com a

insipidez que vislumbrou e duvidou que desse caminho pudesse brotar alguma verdade não conhecida.

Lançou então o olhar para o outro caminho, aquele que se abria à sua esquerda. Percebeu logo que não tinha uma estrutura tão clara como o primeiro, pois suas paredes e sustentação eram menos evidentes. Coros de falas e cantos e récitas e jograis, sem sinalização visível. Múltiplas vozes sem um regente aparente iam compondo um caminho fluido, sinuoso, que mudava de forma e tamanho o tempo todo, conforme se avançava com o olhar. Havia beleza e emoção, mas também tanta incerteza na sua constituição movediça que ele temeu progredir por ele, duvidando que fosse possível brotar verdades definitivas desse vibrante e sonoro caos. O segundo caminho anunciava uma beleza caótica e ameaçadora.

Por tudo isso começou a imaginar que o que devia ser decifrado era a existência mesma dos dois caminhos de naturezas tão distintas que se abriam à sua frente. A relação entre eles era o signo a ser decifrado. Sentia-se atraído pela solidez da construção do primeiro, embora o achasse insípido e pouco provocador. O desenho regular de suas estruturas, previsíveis em sua combinação e resultados, dava-lhe segurança, mas ao mesmo tempo o aborrecia. O outro caminho o provocava, mas suas irregularidades e surpresas lhe davam medo. Como descobrir verdades em um caminho que se modifica com o olhar?

Seguindo sua intuição, decidiu que não sobrevoaria a floresta para encontrar a resposta para suas dúvidas, embora fosse esse seu impulso inicial. De cima, poderia descobrir a urdidura dos caminhos, mas a ilusão prepotente de uma *gestalt* nunca captaria possíveis verdades ocultas em sua matéria mais íntima, pensou. Precisava trilhá-los no chão, para, de dentro deles, descobrir o possível código criptografado na sua dupla existência. Uma cartografia feita com os pés. Decidiu seguir sua intuição. Por onde começar então? Pressentiu que não importava por onde começasse. Se houvesse de fato uma relação entre eles, acabaria descobrindo o código de ligação. Precisava palmilhar com pés humildes os



MIGUEL BOYAYAN

túneis, qualquer que fosse o início. E assim o fez, não sem alguma ansiedade, ao decidir pelo trajeto da direita, com seu percurso iluminado e previsível.

Caminhava e sentia o pavimento firme sob seus passos e a iluminação forte lhe antecipava tudo o que vinha pela frente, a se perder de vista. A temperatura era agradável e havia um cheiro de cimento recente no ar. Seguia, previsível, as fórmulas, algoritmos e prescrições e ia em frente. Já desanimado com o que vira e prestes a voltar, descobriu o que parecia uma fenda estreita na parede de concreto. Aproximou-se cauteloso e não demorou a escutar vozes e cantos vindos do seu fundo negro. Os sons eram melodiosos e lhe agradaram. Era delicioso ver a simetria do túnel quebrada pelas ondas da música. Mas não era apenas música. Havia também sussurros e psius e chamados e cantos de sereias e seduções, compondo uma polifonia irresistível. Logo descobriu que havia uma fenda maior um pouco mais à frente, bem mais larga, pela qual entrava luz natural, competindo com as luzes amarelas das lâmpadas que o iluminavam. E sons cada vez mais nítidos. Havia contatos entre os dois caminhos! À medida que ia seguindo, descobriu que podia transitar de um para outro caminho, sem dificuldade, a ponto de não saber mais por onde andava. As fendas agora eram amplos portais, que se abriam e fechavam como grandes bocas se movendo ao falar ou cantar. Salões se abriam com pisos luzidios e seus grandes vitrais atravessados pela luz do dia. Levíssimo, dançava ao som dos cantos, aquecido pelo sol e pela incandescência das lâmpadas e tudo o que era estruturado parecia se mover e compor novos signos que se transformavam e se expandiam. Agora as letras não formavam apenas fórmulas, mas palavras e frases que se moviam e se recombinavam reproduzindo toda a poesia e toda a prosa de todos os textos profanos e sagrados já escritos pelos homens. E ele caminhava e caminhava e transitava entre um caminho e outro, cada vez mais entrelaçados. Agora tudo era movimento e beleza e as vozes dos poetas e os cânticos dos cânticos e os épicos e os dramas e todas as óperas e orquestras e todos os instrumentos mu-

sicais do mundo e os números e as fórmulas formavam um grandioso coro que ecoava por espaços pulsantes de cores e acordes. A floresta resplandecia com as surpreendentes transformações que seu caminhar produzia. Movendo-se, ele atualizava o adormecido e o latente e o mágico e o virtual que se materializavam como uma chuva de fogos de artifício sobre a grande floresta. Não havia caminhos, havia apenas a humaníssima humanidade do seu caminhar e o que ele podia produzir de novo. Caminhava e produzia e produzia e se espantava com o bailado das árvores e já não havia mais os dois caminhos originais, mas apenas fluxos e contrafluxos e correntes e volteios e zigue-zagues e ondas e tantos caminhos pra se perder. Brotavam clareiras entre as árvores dançantes e lugares de descanso e lagos de água fria e sombras e claros e toda espécie de delícias, fazendo-o esquecer sua busca original, posto que agora tudo se abraçava, se confundia e se fundia e se separava e se juntava para voltar a se individualizar e depois dobrar-se sobre si mesmo em incontáveis múltiplos.

Não se lembrava mais das perguntas que afligiram sua alma por tantos anos. Estava sob efeito do encantamento e da fruição. Esquecera a compulsão de encontrar verdades e sequer se ocupava em resgatar perguntas ou hipóteses, epistemes ou pressupostos, metodologias ou métodos, nem mesmo conhecer a teoria conservada em todas as bibliotecas do mundo desde tempos imemoriais. Entregava-se à amnésia seca de sequoias milenares. E à liberdade de borboletas que se arremessam incólumes pelos ásperos desvãos da mata. A floresta de vidro o enfeitiçara e ele experimentava a sensatez dos que praticam a nudez resoluto e se alimentam de luz. A floresta liquefeita afogou-se na luminosidade cósmica que o esvaziou de todas as suas pretensões e dúvidas.

LUIZ CARLOS DE OLIVEIRA CECILIO é médico sanitarista, professor adjunto do Departamento de Medicina Preventiva da Unifesp.